O exemplo de Brasília

JORNAL DE BRASÍLIA

EDGAR LISBOA

DF - Educação

Reportagem elogiosa da revista norte-americana Time, publicada recentemente, chama a atenção para o programa bolsa-escola implementado em Brasília pelo governador Cristovam Buarque. Num país onde sucessivos governantes pregam que a educação deve ser a prioridade nacional, embora acabem todos não fazendo nada de efetivo, o projeto de Brasília ganha importância.

O programa tem um ano e já se anuncia que os resultados foram bons. Cresceu a presença dos alunos nas escolas das áreas mais pobres e o índice de repetência deve cair bastante. Mesmo sem que se tenha ainda um balanço mais detalhado, o programa que hoje abrange cerca de 5 mil famílias deve atender 20 mil no ano que vem.

Para ser enquadrada no programa, a família deve ter renda igual ou inferior a meio salário mínimo, residir há mais de cinco anos no Distrito Federal e ter crianças na escola com presença em no mínimo 90% das aulas. Para perder a bolsa, basta que os pequenos faltem mais de dois dias de aula por mês.

O custo do programa foi, em 1995, de R\$ 5,6 milhões, menos de 1% do orçamento do Distrito Fede-

ral. Caso sistema semelhante, com bolsa de meio salário mínimo, fosse adotado em todas as cidades brasileiras com menos de 50 mil habitantes, o Governo gastaria anualmente R\$ 2 bilhões.

Ex-reitor da Universidade de Brasília, Cristovam Buarque acredita que só a implantação de um sistema eficiente de ensino pode reverter, a médio prazo, o atraso brasileiro. O governador do DF acha que é necessário contratar imediatamente 500 mil professores, construir 500 mil escolas e pagar bolsa-escola aos pobres para iniciar o grande salto.

É claro que sem educação as nações mais pobres não conseguem vencer a barreira que as separa dos países desenvolvidos. Foi com pesados investimentos em educação que países como Coreia, Taiwan e Cingapura conseguiram, em poucos anos, elevar consideravelmente a renda per capita de seus cidadãos. Se os chamados tigres asiáticos registram hoje altíssimos índices anuais de crescimento econômico isso se deve, basicamente, aos cuidados que tiveram com seu sistema de educação.

Não se pode também separar o nível médio de escolaridade de um

povo da sua capacidade de gerar tecnologia, de sediar indústrias, de gerar riqueza. Mais do que nunca, hoje em dia, todas as profissões, mesmo as mais modestas, exigem treinamento intensivo. Ora, só pode receber treinamento quem é analfabetizado.

A bolsa-escola é um programa novo e só o tempo dará um veredito final sobre sua eficiência. Mas é preciso que outros administradores, em outros estados e municípios, testem programas semelhantes, dentro de suas possibilidades. Só a experiência, com seus erros e acertos, pode nos dar bases para construir um programa que sirva para a reversão das atuais expectativas.

O programa bolsa-escola não deixa de ser uma tentativa, ainda tímida e incipiente, de redistribuição de renda. Ninguém ignora que o Brasil é líder nas estatísticas dos países com pior distribuição da riqueza nacional. Sabemos todos que a nação está dividida entre uma parcela que tem trabalho, escola e alimentação e outra, mais numerosa, que nada tem. Será que a bolsa-escola não pode nos ajudar a mudar esse quadro?

■ O jornalista Edgar Lisboa é diretor executivo da ANJ